

O DIABO COMO ARQUÉTIPO MAJORITÁRIO DO MAL NA LITERATURA

THE DEVIL AS A MAJOR EVIL ARCHETYPE IN LITERATURE

Alan Nickerson Alves¹

RESUMO

Este artigo tem como propósito propiciar uma reflexão sobre aspectos do sagrado, existentes na literatura, que foram utilizados para a caracterização do Diabo como símbolo majoritário do Mal. Primeiramente partirei da concepção de sagrado de Mircea Eliade para obter um entendimento sobre o mundo de sentido em que vive o homem religioso, e depois tomarei a ideia do homem como um animal simbólico de Enerst Cassirer para analisar o fato de como esta figura simbólica foi utilizada pela Igreja para conseguir manipular o viver, sentir e pensar dos indivíduos. O objetivo é ter uma visão compreensiva sobre o fato de que este personagem teve grande importância, no cenário cristão, para influenciar o imaginário das pessoas sobre o Mal.

Palavras-chave: Diabo. Mal. Imaginário.

ABSTRACT

This paper aims to provide a reflection on aspects of the sacred, in the literature, which were used for the characterization of the Devil as a major symbol of evil. first I will take the conception of sacred by Mircea Eliade for an understanding of the world sense in which the religious man lives, and then take the idea of man as a symbolic from Enerst Cassirer to analyze the fact of how this symbolic figure was used by the Church to manipulate the lives, feeling and thinking of individuals. The aim of this work is to have a comprehensive view of the fact that this character had great importance in the Christian setting, influencing people's imagination about Evil.

Keywords: Devil. Evil. Imaginary.

¹ Graduando em Ciências das Religiões(UFPB). E-mail: alannickerson@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao longo de toda história do cristianismo, nenhum personagem foi objeto de tanta especulação religiosa quanto o Diabo. Para que as pessoas fossem convencidas da “mensagem da salvação” pregada pelo cristianismo, primeiramente seria necessário fazer com que as mesmas entendessem a existência deste ser. A literatura apocalíptica encontrada na Bíblia, ao falar sobre o Dia do Juízo Final, com a eterna condenação dos rebeldes ao Inferno e a redenção dos salvos para o Paraíso, foi de grande valia para o processo de consolidação desta crença religiosa sobre a maldade.

Referimo-nos a uma época em que o homem estava vivendo a base do Teocentrismo²; sua forma de enxergar o mundo à sua volta era regida pelo imaginário religioso, onde a concepção cristã de pecado foi a maior razão pela qual este ser – o Diabo - ganhou caracterização na literatura, já que na mitologia judaico-cristã teria sido ele quem influenciou o homem a cometer o primeiro pecado. A partir desta compreensão, o Mal estaria associado à sua ação.

Atualmente toda ideia de uma personificação do Mal está associada à figura do Diabo e sob sua influência, fruto desta concepção da literatura sagrada cristã.

O *Homo Religiosus* e a concepção do Mal

Ao longo da história humana percebe-se que existem algumas razões que levam as pessoas a procurarem pela fração do sistema religioso; uma delas seria a interpretação e a explicação das coisas que acontecem no mundo à sua volta, e que está contida na linguagem do mito. Segundo o cristianismo, o Diabo torna-se mentor e articulador do mal que povoa a terra, podendo colocar a seu dispor toda uma plêiade de demônios que interfere na vida do homem, seja na esfera coletiva ou na individual (MENON, 2008, p.218). Para nos ajudar a compreender como este mundo mítico sagrado influencia a vivência humana, recorro às palavras do famoso historiador das religiões Mircea Eliade³, que afirma o seguinte:

Basta dizer que o “sagrado” é um elemento da estrutura da consciência e não um estágio na história da consciência, o mundo deve ter um sentido para o homem, pois o mesmo não pode viver no “caos”, é provado que nos níveis mais arcaicos de cultura, viver como um ser humano é em si, um ato religioso, pois a alimentação, vida sexual e trabalho possuem um valor sacramental, por outras palavras, ser ou tornar-se um homem, significa ser religioso, a vida humana adquire sentido ao imitar modelos paradigmáticos revelados por seres sobrenaturais, a imitação desses modelos constitui uma das características primárias da “vida religiosa”, que é indiferente à cultura ou a época.(ELIADE, 1992 p.10)

² Concepção segundo a qual Deus é o centro do universo, tudo foi criado por ele, por ele é dirigido e não há outra razão além do desejo divino sobre a vontade humana.

³ Considerado um dos fundadores do moderno estudo da história das religiões e dos mitos, onde elaborou uma visão comparada das religiões encontrando relações de proximidade entre diferentes culturas e momentos históricos. Detectou no centro da experiência religiosa humana a noção do Sagrado.

De acordo com esta concepção do ser humano, não podemos reduzi-lo apenas à sua dimensão racional; um indivíduo em sua totalidade não seria 100% dessacralizado, pois além de viver em um mundo histórico/natural, também viveria num mundo existencial imaginário, e por isto Eliade chega à conclusão de que se trata da “consciência de um mundo real e com um sentido que estaria intimamente relacionada com a descoberta do sagrado”. Nota-se a partir daí que a organização de uma sociedade, seja ela qual for, passa por valores religiosos.

Segundo Ernst Cassirer⁴ o que diferencia os homens dos animais é a mediação simbólica posta em prática como atividade do pensamento; influenciado por esta concepção de ser humano, o estudioso José Maria Mardones vai nos informar que:

As construções ou formas simbólicas, numa palavra, a cultura, são os instrumentos que o ser humano possui e dos quais se dota para dar sentido e para suturar a ferida aberta na existência e em todas as suas realizações, o símbolo é, enquanto ato operativo, ritual, religioso e social, o que reúne, ordena, integra e orienta comportamentos coletivos desde a pré-história até a nossa pós-história (MARDONES, 2006, p. 72).

Ao entendermos também o homem como um produtor de cultura, podemos afirmar que a religião seria uma linguagem que explicaria as atividades de produção e relações na sociedade, ou seja, seria uma sistematização de elementos simbólicos que constrói uma noção sobre o mundo, tanto do ponto de vista material como social; a religião seria uma forma de linguagem que nomeia as coisas, e chega a ser o explicador mais bem aceito pelas pessoas sobre o mundo em que vivem.

A visão sociológica a classifica como uma ideologia: Ela funcionaria como “um aparelho ideológico ditando valores e regras de modo de vida”, onde a organização do universo religioso, neste sentido, estaria diretamente associada com a organização econômica, social e cultural dos seres humanos, ou seja, a religião seria uma espécie de “jogo simbólico”.

Feitas estas considerações, consideramos que, para manipulação do controle moral sobre o comportamento humano e para obter sucesso na consolidação do Cristianismo, a igreja usou de maneira muito intensa a figura do Diabo na literatura cristã, e este foi considerado um ser que atormentava no Inferno as pessoas que foram “perversas” e “desobedientes” durante sua vida na Terra.

A literatura sagrada encontrada no Apocalipse foi uma arma poderosa para fazer com que as pessoas compreendessem as verdades espirituais acerca do bem e do mal; o sentido vivencial do mundo cristão, no decorrer de sua história, sempre foi regido pelo domínio simbólico; na concepção de Cassirer seria esta a função catequética do símbolo:

O conhecimento humano seria por sua própria natureza um conhecimento simbólico, a razão é um termo muito inadequado com o qual se compreende as formas da vida cultural do homem em toda sua riqueza e variedades, todas essas formas são simbólicas. Logo, em vez de definir o homem como *animal rationale*, deve-se também defini-lo como *animal symbolicum*, ou seja, *o homo symbolicus* expressa a mediação das formas simbólicas na atribuição de sentidos, fazendo com que a realidade seja formulada e compreendida através da mediação do símbolo. (CASSIRER, 2005, p.50)

⁴ Filósofo alemão e professor de Filosofia na Universidade de Hamburgo desde 1919 até 1933, onde desenvolveu uma filosofia da cultura como uma teoria dos símbolos e também foi responsável por produzir reflexões nos domínios da teoria do conhecimento, da epistemologia e da filosofia da ciência.

A igreja é considerada de praxe como uma instituição mediadora entre o homem e a sua salvação; o cenário do Apocalipse com o juízo final e a eterna perdição dos rebeldes foi o tema literário mais utilizado, com o intuito de ameaçar os infiéis que estivessem dispostos a ter um modo de vida em desacordo com os padrões por ela impostos. Persuadindo-os a compreenderem que seriam para sempre “queimados no fogo do inferno”, o clero cristão apoderou-se dessa caracterização do personagem bíblico para manipular o pensamento das pessoas, fazendo com que as mesmas obedecessem a todas as normas da Igreja.

Segundo Márcia Schmitt Capellari, o papel da literatura sagrada cristã foi fundamental neste contexto, pois “os textos bíblicos referem-se a este ser maligno com diferentes facetas: Uma hora ele é a serpente que provoca Eva (Gênesis, 3:4), outra ele é a sombra que induz Judas a entregar Jesus aos Romanos (Lucas, 22:3), noutra ainda, é a figura sedutora que tenta o Cristo (Mateus, 4), já no Apocalipse, é o dragão aprisionado no abismo por mil anos para depois voltar e levar os não-eleitos para o lago de fogo”(Apocalipse, 20:15).

A gênese do arquétipo do Mal na literatura

Historicamente falando, a essência do Mal é reconhecida em toda e qualquer cultura, e sempre existiram tentativas de personificá-lo.

O papel do simbolismo religioso teria por finalidade indicar-nos as fontes profundas da vida, oferecendo desta maneira um acesso a uma dimensão profunda da realidade. Trata-se de um conhecimento que se dirige não somente à consciência desperta, mas à totalidade da vida psíquica: O símbolo nos ensina a viver, pois ao desvelar a vida, compromete diretamente a existência humana(MARDONES, 2006, p.92).

A criação da religião pelo homem, na concepção de Eliade, seria um “desesperado esforço para descobrir o fundamento das coisas, a realidade última”, onde o homem religioso percebe a “revelação do mistério” da realidade em que vive por meio de símbolos.

De acordo com Carl Gustav Jung⁵, a respeito das construções simbólicas humanas e ao estudar as várias culturas e expressões religiosas existentes ao redor mundo, Eliade vai nos informar que:

Foram principalmente as impressionantes semelhanças entre os mitos, símbolos e figuras mitológicas de povos e civilizações muito apartadas que obrigaram Jung a postular a existência de um *inconsciente coletivo*, pois ele notou que o conteúdo deste inconsciente coletivo se manifesta através daquilo que o mesmo denominou de arquétipos, estes se tratariam de “padrões de comportamento” ou propensões que fazem parte da natureza humana.(ELIADE, 1969, p.38)

Em *O Diabo: Um personagem Multifacetado*, Mauricio Menon vai rebater a crença do senso comum que afirma que a figura do Diabo ganhou projeção na Idade Média, pois para o referido autor foi a partir da publicação da *Divina Comédia* de Dante Alighieri e do *Paraíso Perdido* de John

⁵Psiquiatra e psicoterapeuta, e também fundador da psicologia analítica, onde propôs e desenvolveu os conceitos da personalidade extrovertida e introvertida, arquétipos, e o inconsciente coletivo. Suas pesquisas foram influentes na psiquiatria e no estudo da religião, literatura e áreas afins.

Milton, que “o Inferno, e seus habitantes, mais monopolizaram a imaginação dos homens do Ocidente”. A partir daí começou na literatura uma caracterização do Diabo como arquétipo majoritário do Mal no imaginário dos indivíduos; nas palavras de Menon:

Nenhuma descrição acerca do Diabo encontra maior repercussão que a de Dante e a de Milton na história literária, donos de uma assombrosa habilidade, os dois escritores foram capazes de dar forma aquilo que não se vê, traçam o perfil de um ser sem rosto, condenado a exclusão, e pai de toda a maldade existente, o primeiro deu prioridade à descrição da moradia do Senhor das Trevas, enquanto o segundo se detém na “personalidade” do Enganador, ou seja, se de fato o Diabo possui uma feição, ele deve isso, em partes, aos dois poetas que o consagraram em suas respectivas obras. (MENON, 2008, p. 219)

O Diabo aparece de forma mais representada na literatura como um ente sedutor, pois são diversos os textos que enfocam a relação do “maligno” com a luxúria; um exemplo básico seria o Livro de Enoque (que estava inserido na Bíblia original, mas acaba sendo excluído das Escrituras na triagem feita pelos papas cristãos).

Sustentada por uma base literária na ameaça do Juízo Final, onde as pessoas que foram obedientes iriam para junto de Deus, enquanto as desobedientes passariam o resto da eternidade sendo torturadas/atormentadas no Inferno, a Igreja passou a consolidar com força e exercer um forte controle social sobre o comportamento dos fieis, a finalidade de se fazer pensar na figura do Diabo o esboçando como um ser terrível e asqueroso, era a de causar temor. De teor didático-moralizante, o objetivo catequético foi o de “usar” o Diabo enquanto elemento de doutrinação e coação (MENON, 2008, p.223).

CONCLUSÃO

Ao observar a finalidade da linguagem simbólica dentro do contexto da religião, pode-se afirmar que no universo religioso, seja ele qual for, a existência de “arquétipos do mal” estruturaram os modos de compreensão dos indivíduos acerca da maldade que existia no mundo a sua volta; daí pode-se afirmar que a "criação" do Diabo também está associada a este fato.

Os indivíduos descarregam num mito, numa figura externa, num "ser maléfico absoluto" todo o mal que enxergam dentro de si mesmos. A verdade é que este ser, chamado de Diabo (ou Satanás no mundo religioso cristão), tornou-se responsável por tudo aquilo que é considerado como mal/ruim ou que se opõe a Deus - que foi associado como sinônimo do Bem e de tudo que é benéfico, sendo Aquele que perdoa, que tem compaixão, que tem solidariedade e bondade.

O ser humano desde os primórdios de sua existência passou a entender que nem tudo à sua volta é reflexo do Bem e desde então uma figura representante do Mal seria uma peça necessária à vida, pois ao nos basearmos na concepção do inconsciente coletivo de Jung concluiremos que nenhuma sociedade humana conseguiu viver sem esta “figura simbólica do mal”, ou seja, de acordo com bases psicológicas tal artefato ajuda o homem a se exorcizar, a retirar de dentro de si todo o mal e colocá-lo em outro lugar.

A Igreja utilizou-se do mundo sagrado encontrado na literatura bíblica a seu favor, tornando-se a instituição que garantiu uma unidade religiosa durante o processo de expansão do Cristianismo pelo mundo, pois através do controle da fé, apropriou-se dos

pensamentos dos indivíduos acerca do nascer, morrer, festejar, pensar, viver, ou seja, de todos os aspectos da vida dos fiéis; o meio utilizado para obter esse controle ideológico foi a religião.

Ao longo da História, observa-se que, embora presente em todas as culturas do Mundo, em todas as épocas, esse personagem de “representação majoritária do mal” foi essencial no Cristianismo mais do que em nenhuma outra religião ou povo.

REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. **Origens: História e Sentido na Religião**. Lisboa: Edições 70, 1969.

CAPPELLARI, Marcia. **A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal**.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MENON, César Maurício. **O Diabo: Um personagem multifacetado**. IN: Línguas e Letras. Especial, 2008.